

UM SORRISO PARA OS DEFICIENTES ATRAVÉS DO DESPORTO

Como fazer a Amélia sorrir?

Em Huambo, Angola, no Centro Ortopédico de Bomba Alta, no dia 5 de Novembro de 2004, enquanto aguardávamos, pela Cerimónia de Encerramento da primeira fase do Curso de “Reabilitação dos Deficientes através do Desporto” que decorreu de 1 a 5 de Novembro, eu andava de um lado para outro a reflectir, na qualidade de formador, sobre a formação que foi um sucesso e o balanço do Projecto considerado também positivo. Pensava ainda na fase que se seguiria e sentia uma enorme responsabilidade face às expectativas e questões que se colocavam.

As expectativas, porque é um primeiro projecto piloto internacional, em que participam técnicos desportivos e de reabilitação terapêutica (fisioterapeutas e técnicos ortoprotésicos) visando reabilitar os deficientes amputados em particular, e os físico-motores em geral, utilizando para esse efeito, o desporto, como mais um instrumento de terapia ligando-o à actividade lúdico desportiva.

O Projecto é apoiado pelo Comité Paralímpico Internacional (IPC – International Paralympic Committee), pelo Comité Olímpico Internacional e pelo Comité Internacional da Cruz Vermelha, dado também o seu carácter humanitário, no qual o desporto assume um papel para o desenvolvimento e assistência por um lado, e por outro lado, possibilitará, para além da vertente da recreação e ocupação dos tempos livres, a detecção e a selecção de talentos visando também criar oportunidades as pessoas com deficiência que demonstrem capacidades e vontade própria, de virem a competir a nível regional, nacional e até a nível internacional, na via do alto rendimento. Este Projecto Piloto, poderá vir a ser aplicado noutros países africanos.

Este Projecto inovador, é promovido pelo Comité Paralímpico de Angola, apoiado pelo Comité Olímpico de Angola e pelo Governo Central e Provincial de Angola, visando não só dar resposta, imediata à Província de Huambo, mas também a todo o território nacional, dando deste modo continuidade e possibilitando efeitos multiplicadores ao curso ministrado. Daí serem grandes as expectativas e as responsabilidades no plano nacional e internacional.

As dúvidas, do porquê e para quê, sobressaltam-nos, sobretudo quando nos deparamos perante grandes necessidades, para não dizer que está tudo ou muito por fazer, pelos deficientes no Huambo e em toda a Angola. Para muitos dos que participaram no curso “*modelos para a formação teórico-prático*” abriu-se-lhes uma nova esperança para a melhoria da sua qualidade de vida, já que o desporto passou a constituir-se como uma porta para o mundo global. Para os formandos (técnicos com experiência profissional na área terapêutica) foi a constatação de uma nova descoberta. Mas perante toda estas expectativas e os muitos obstáculos, já identificados, questionamos sempre o significado das coisas e pretendemos ter as certezas, embora reconhecendo, como diz Prigogine, o “fim das certezas e a pluralidade de futuros”.

Entre os meus pensamentos, recordava as minhas conversas com Inge, uma jovem fisioterapeuta belga, a trabalhar há nove anos em Angola com deficientes e recentemente a intervir no domínio do desporto, reflectindo sobre o impacto da cooperação para o desenvolvimento e das potencialidades do desporto na reabilitação e inclusão social destes cidadãos. Falámos da necessidade dos parceiros internacionais poderem apoiar muito mais, não só os que se encontram envolvidos no projecto, mas também ao nível dos países e organizações não governamentais na área da deficiência em particular, e do desporto em geral.

Mergulhado nestes meus pensamentos, noto, sentada e isolada num canto da sala, uma jovem com uma expressão de tristeza. Tinha já dado conta da sua presença no último dia do curso, durante os intervalos, ela ficava escondida atrás de um poste, espreitando os jovens deficientes em actividade.

Aproximei-me dela e fiquei a saber a razão de tão profunda tristeza. Ela gostava de brincar e de sorrir até a idade dos dez anos, quando ficou amputada de uma perna na explosão de uma mina, desde então, nos últimos oito anos deixou de conviver com as pessoas. Apesar da insistência das minhas perguntas, sempre renovadas, tais como: se corria, se saltava a corda, se participava em jogos com outros jovens, etc, ela repetia sempre a mesma frase de uma forma lacónica e mecânica: “**eu fico sempre sentada**”.

Decidi, então, pedir uma corda e a ajuda de um outro jovem amputado, apesar de perante uma plateia já pronta para a sessão de encerramento, eu tinha apenas o propósito de por a jovem amputada a voltar a saltar à corda, demonstrando assim, que ela poderia voltar a fazer muitas outras coisas que naturalmente já antes fizera e também novas actividades.

Um sorriso através do desporto

Como entretanto ia iniciar-se a sessão de encerramento, deixei a jovem sem ter chegado ao fim do meu intento, com grande mágoa, não só por ter interrompido a demonstração por causa da chegada de dirigentes e políticos, assolando-me com veemência de no grupo de deficientes que participaram no curso não haver nenhum elemento do sexo feminino. De súbito, senti a necessidade de encontrar uma solução para o problema da jovem Amélia, fazer voltá-la **SORRIR**?!

Entretanto a cerimónia começou com o testemunho de um jovem amputado, em representação dos demais colegas, que afirmou terem conseguido fazer muitas actividades que pensavam já não serem possíveis ou realizáveis, porque as tinham abandonado após os acidentes. Ele pessoalmente, só com uma perna voltou a correr, a saltar, a lançar objectos e inclusive numa actividade de luta simulada, com um formador, com um só apoio, demonstrou mais e melhores capacidades devido ao equilíbrio e força que entretanto adquirira. De seguida outros formandos referiram, num belo e sentido depoimento escrito, as várias experiências positivas, acrescentando um pensamento de um filósofo que eu transmitira e que diz: “A vida é movimento e a ausência de movimento é a morte”.

Estas intervenções trouxeram-me de novo ao pensamento a expressão de tristeza que espelhava a alma de Amélia: **Ela estava morta, ou pelo menos moribunda por dentro.**

E imaginava, que à lembrança das brincadeiras da sua infância, se seguiram oito anos de quase inactividade, coincidindo com um período crucial de desenvolvimento pós-pubertário, na adolescência, em suma na sua preparação para a vida adulta. Quão sofrido seria o seu pensamento, perante o futuro, perante a incerteza de vir a ter alguma actividade e aquela realidade que a tolhia.

Passou-me de repente na memória, como se de um filme se tratasse, a imagem dos jovens deficientes participantes no curso, primeiro incrédulos quando apresentei as imagens em vídeo do que outros deficientes faziam no domínio do desporto e depois de confrontados com essas práticas, se demonstravam inicialmente, receosos, mas depois vinha a vitória, o prémio, e o mais importante, os sorrisos estampados nos seus rostos, à medida que ultrapassavam os obstáculos inerentes às actividades propostas, reconhecendo, na realidade as suas potencialidades, passando a acreditar nas possibilidades de um futuro melhor. Recordava ainda também de uma expressão da jovem Inge: “Eu nasci na Bélgica, mas renasci no Bailundo”.

Um Sorriso para a Amélia

Entretanto chegara a vez de intervir na Cerimónia de Encerramento o Director Provincial da Juventude e Desportos de Huambo, o Senhor Bernardo Suca, ocorreu-me de imediato questioná-lo: Senhor Director, diga-nos como transformar um sorriso num acto político e como com da política podemos chegar a práticas sociais, que permitam, legitimem e alimentem um sorriso?

Em resposta o Senhor Director garantiu o seu compromisso no apoio político aos técnicos que tentariam utilizar o desporto como um instrumento, para fazer a Amélia sorrir.

Os meus colegas comprometerem-se em tudo fazer para que a Amélia volte a saltar à corda e possa (re)viver e ganhar **UM SORRISO ATRAVÉS DO DESPORTO.**

Lembrei-me de dois poetas portugueses que confirmariam este desígnio, “*Pelo Sonho é que vamos, comovidos e mudos. Chegamos? Não chegamos? Haja ou não haja frutos, pelo sonho é que vamos...*” (Sebastião de Gama), ao qual (Fernando Pessoa) acrescentaria “*Tantas vezes pensamos ter chegado, tantas vezes é preciso ir mais além*”.

Muitas pessoas singulares e colectivas, nacionais e internacionais, poderão pensar que tudo não passa de um sonho mas na realidade é preciso ir mais além.

Jorge Vilela de Carvalho

Luanda, Angola 7 de Novembro de 2004